



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB**

INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANTONIO GUSTAVO DE ARAÚJO SOUZA

**A TERRITORIALIDADE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NO QUILOMBO
SERRA DO EVARISTO, BATURITÉ, CEARÁ**

ACARAPE - CEARÁ

2023

ANTONIO GUSTAVO DE ARAÚJO SOUZA

**A TERRITORIALIDADE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NO QUILOMBO
SERRA DO EVARISTO, BATURITÉ, CEARÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva

ACARAPE – CEARÁ

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Souza, Antonio Gustavo de Araújo.

S696t

A territorialidade como espaço educativo no Quilombo Serra do Evaristo, Baturité, Ceará / Antonio Gustavo de Araújo Souza. - Redenção, 2023.

38f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Ribeiro da Silva.

1. Educação. 2. Ancestralidade. 3. Território. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

ANTONIO GUSTAVO DE ARAÚJO SOUZA

**A TERRITORIALIDADE COMO ESPAÇO EDUCATIVO NO QUILOMBO
SERRA DO EVARISTO, BATURITÉ, CEARÁ.**

Aprovada em 28 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Rosangela Ribeiro da Silva (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Eugênio da Silva (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Ana Paula dos Santos (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter permitido a minha saúde e determinação para enfrentar todos os obstáculos encontrados durante todos esses anos de estudo.

A minha mãe Fabiana, ao meu pai Cláudio e as minhas irmãs Larisse e Aurora, que foram a base dos meus inventivos nos momentos mais difíceis, e por compreenderem as minhas ausências que tive com eles. A vocês, todo o meu amor e minha gratidão.

A Prof. Dra. Rosângela Ribeiro, por ter sido a minha orientadora e ter desempenhado um papel fundamental para a minha formação.

As minhas amigas Cássia Fernandes, Regilene Alves e Mona Lisa da Silva, por serem as mais verdadeiras amigas que me ajudaram a enfrentar todos esses anos, dando incentivos e palavras de força nas horas em que pensei em desistir, e dando grandes gargalhadas para desestressar. A vocês, o meu muito obrigado por tudo.

Aos meus amigos e amigas, Emanuele Furtado, Celina Arcanjo, Thais Mota, Luiza Carlos, Rodrigo Paulino, Raquel Martins, Clara Assis, Thiago Freitas e entre outro, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizados, e agradeço o companheirismo, pelas trocas de vivência e por cada gargalhada dada durante esse período.

A minha comunidade, por sempre estar me ajudando em tudo que precisei. Aos meus guardiões da memória e as lideranças, por trazer sempre comigo as raízes do meu quilombo me fazendo lembrar quem sou. O que vem da ancestralidade nunca morre, sempre está presente.

As escolas Maria Augusta Russo dos Santos, Osório Julião e a CEI Francisca Arruda Pontes, por me receberem tão bem fazendo parte da minha formação profissional.

A cidade de Redenção-Ce, por ter me recebido tão bem e me acolhido durante todos esses anos, onde fiz muitas amizades maravilhosas e que irei levar pra sempre comigo.

Agradeço também a essa universidade tão forte e especial, que é a Unilab onde estou conseguindo concluir minha primeira graduação e por estar formando o primeiro da minha família. Só gratidão.

Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário.
(Conceição Evaristo)

RESUMO

A proposta dessa monografia é investigar o lugar que a educação assume nas práticas de repasse dos ensinamentos, conhecimentos e experiências adquiridas historicamente pelos habitantes da comunidade quilombola Serra do Evaristo. Para tanto, apresentamos algumas experiências, vivências e autobiografias dos moradores mais velhos do quilombo, relacionando com os conceitos sobre territorialidade, na pretensão de averiguar se este apresenta-se como espaço educativo, bem como o conceito de ancestralidade, que atua junto à oralidade no cotidiano da comunidade. Autores como Munanga (2001) e Haesbaert (2007), embasaram nossos estudos nessa investigação, bem como as expressões verbais dos nossos mais velhos do Quilombo, como a Dona Socorro Fernandes. Isto posto, o objetivo geral é analisar a territorialidade como um elemento educativo da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo em Baturité – Ce. Para tanto, os específicos são: Compreender os repertórios culturais da comunidade como elementos da educação escolar quilombola; refletir sobre os desafios da implementação efetiva da educação escolar quilombola na Escola Osório Julião. Nossa metodologia dá-se pela observação de elementos da tradição oral presentes em espaços sociais, culturais, religiosos e educativos do Quilombo em tela, do qual sou morador, através de um olhar pedagógico com o intuito de demonstrar a importância da oralidade e da ancestralidade dentro do Quilombo Serra do Evaristo, caminhando por entrevistas aos sujeitos mais velhos pertencentes à referida comunidade. Como resultado de nosso trabalho temos nas entrevistas com Maria Rainara e Maria do Socorro os entendimentos sobre os obstáculos vivenciados pela comunidade quilombola, entretanto, também destacam possibilidades significativas para promover o fortalecimento da identidade cultural quilombola através da educação e da transmissão de conhecimentos tradicionais. Tais práticas refletem a perseverança e a riqueza das comunidades quilombolas, que persistem em sua batalha pela preservação das raízes culturais em um mundo em constante transformação.

Palavras chaves: Ancestralidade; Oralidade; Educação; Identidade; Quilombo Serra do Evaristo.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to investigate the place that education assumes in the practices of passing on teachings, knowledge and experiences historically acquired by the inhabitants of the Serra do Evaristo quilombola community. To this end, we present some experiences, experiences and autobiographies of older residents of the quilombo, relating them to the concepts of territoriality, with the intention of finding out whether this presents itself as an educational space, as well as the concept of ancestry, which works alongside orality in everyday life of the community. Authors such as Munanga (2001) and Haesbaert (2007) based our studies on this investigation, as well as the verbal expressions of our Quilombo elders, such as Dona Socorro Fernandes. That said, the general objective is to analyze territoriality as an educational element of the Serra do Evaristo Quilombola Community in Baturité – Ce. To this end, the specific ones are: Understanding the community's cultural repertoires as elements of quilombola school education; reflection on the challenges of effective implementation of quilombola school education at Osório Julião School. Our methodology is based on the observation of elements of oral tradition present in social, cultural, religious and educational spaces of the Quilombo in question, of which I am a resident, through a pedagogical perspective with the aim of demonstrating the importance of orality and ancestry within from Quilombo Serra do Evaristo, walking through interviews with older subjects belonging to that community. As a result of our work, in the interviews with Maria Rainara and Maria do Socorro, we have an understanding of the obstacles experienced by the quilombola community. However, we also highlight extraordinary possibilities to promote the strengthening of quilombola cultural identity through education and the transmission of traditional knowledge. Such practices reflect the perseverance and wealth of quilombola communities, which persist in their battle to preserve their cultural roots in a world in constant transformation.

Keywords: Ancestry; Orality; Education; Identity; Quilombo Serra do Evaristo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	12
3. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A LUTA HISTÓRICA PELO DIREITO DE AQUILOMBAR-SE.....	14
3.1 A Territorialidade como Materialização do Direito à Terra	16
3.2 Territorialidades Quilombolas como Espaço Educativo: A Escola Quilombola Osório Julião	20
4. GUARDIÃES DA MEMÓRIA NO PROCESSO EDUCACIONAL NA ESCOLA, A LEI 10.639: A RELAÇÃO DESSES CONHECIMENTOS DENTRO DO CURRÍCULO DA ESCOLA	26
4.1 As mulheres Quilombolas e a Educação Escolar	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERENCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como lócus de pesquisa a comunidade quilombola da Serra do Evaristo, que está localizada a 12 quilômetros da sede do Município de Baturité, no Estado do Ceará, e a 85 quilômetros de Fortaleza. Na comunidade, residem aproximadamente 170 famílias, somando um total de cerca de 850 pessoas. O acesso à área urbana da comunidade começa com estradas pavimentadas, mas em determinados trechos se transforma em vias de terra batida, até chegar à base da serra que dá acesso à comunidade. Recentemente, finalmente concluiu-se uma obra de pavimentação que há muito era esperada pela comunidade. No entanto, a estrada é sinuosa, íngreme, atravessa um grande desfiladeiro e carece totalmente de sinalização e iluminação, tornando o percurso desafiador e potencialmente perigoso.

A Comunidade Quilombola Serra do Evaristo é uma localidade marcada por uma rica interseção de aspectos físicos, geográficos, históricos e culturais. Localizada em um ambiente montanhoso, a região apresenta características naturais distintas, como vegetação diversificada de mata atlântica, e fontes d'água, que têm desempenhado um papel significativo na subsistência e na identidade da comunidade.

Geograficamente, a Comunidade Quilombola está situada em uma área montanhosa, como afirmamos anteriormente, algo comum em relação a quilombos, o que moldou suas interações com o ambiente ao longo do tempo. Esse cenário influenciou as práticas agrícolas, o uso sustentável dos recursos naturais e até mesmo a organização espacial das habitações na comunidade.

Do ponto de vista histórico, a comunidade é um testemunho vivo da luta e da resistência das populações afrodescendentes contra a opressão e a escravidão. Sua fundação remonta a tempos passados, quando pessoas fugiram das fazendas que existiam na região do Maciço de Baturité em busca de liberdade. A história da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo é, portanto, entrelaçada com a trajetória de seus ancestrais e com o esforço para preservar sua herança cultural.

Culturalmente, a Comunidade Quilombola mantém tradições que refletem sua origem e identidade. Essas tradições são expressas em sua música, dança, culinária e artesanato. A estrutura da comunidade quilombola da Serra do Evaristo inclui diversos componentes, como a escola, o grupo de jovens, atividades de artesanato, a dança de São Gonçalo, uma associação comunitária, um grupo de capoeira, a casa de semente, um grupo de tambor, uma farmácia viva e um eco museu. (espaço extremamente importante para toda a comunidade, sobretudo para as crianças do quilombo que acabam por conhecer de uma outra forma, através dos artefatos

arqueológicos do museu, a história e cultura da comunidade. O que fortalece a noção de identidade destes sujeitos.

Além disso, podemos perceber celebrações e rituais que honram os antepassados e destacam a coesão da comunidade são vitais para a preservação da sua cultura única. Assim, a Comunidade Quilombola Serra do Evaristo é um exemplo vívido da maneira como os aspectos físicos, geográficos, históricos e culturais se entrelaçam para criar uma identidade complexa e enriquecedora, moldando a vida e o legado desse grupo ao longo das gerações.

Diante do exposto cabe construir as seguintes questões de pesquisa: De que maneira, a territorialidade pode ser compreendida como um elemento educativo da educação escolar quilombola? Quais os desafios da implementação da educação escolar quilombola? De que forma, a territorialidade potencializa o trabalho docente da escola Osório Julião?

O objetivo geral é analisar a territorialidade como um elemento educativo da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo em Baturité – Ce. Para tanto, os específicos são: Compreender os repertórios culturais da comunidade como elementos da educação escolar quilombola; refletir sobre os desafios da implementação efetiva da educação escolar quilombola na Escola Osório Julião.

Esta pesquisa se justifica a partir do marco inicial que a minha história é entrelaçada com as raízes profundas da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, situada em Baturité, Ceará. Nasci nesse contexto, em 05 de setembro de 1998, e ser quilombola é algo que transcende apenas uma definição, é uma parte vital da minha identidade.

Ser quilombola para mim significa carregar com orgulho a história de luta e resistência dos meus antepassados. Minha comunidade se originou da coragem de pessoas que fugiram da opressão da escravidão, buscando liberdade e dignidade em meio às montanhas da Serra do Evaristo. Isso não é apenas uma história do passado, mas é uma força que continua a me inspirar a superar desafios e a defender os valores que são tão intrínsecos à minha origem.

Minha ligação com a Comunidade Quilombola também se manifesta nas tradições que nos foram transmitidas. A música, a dança, a culinária e a espiritualidade são elementos que enriquecem a nossa vida cotidiana e nos conectam às gerações que vieram antes de nós. Essa herança cultural me lembra constantemente de quem sou e das responsabilidades que carrego como membro desta comunidade.

Ingressar na Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) através do edital específico para quilombolas e indígenas em 2017.2, Edital nº 33/2017, de 22 de dezembro de 2017, foi um marco na minha jornada. Representou a oportunidade de buscar

educação superior e crescimento pessoal, ao mesmo tempo em que me permitiu levar adiante a história da minha comunidade e ser um agente de mudança.

Portanto, minha história é entrelaçada com a da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, onde carrego o legado de luta e resistência, e estou determinado a fazer a diferença, tanto para o meu próprio futuro quanto para a preservação do nosso passado, a qual vejo nesta pesquisa uma forma de produzir conhecimento científico sobre a minha comunidade.

A proposta deste trabalho é investigar as formas de repasse dos ensinamentos, conhecimentos e as experiências adquiridas pelos habitantes mais velhos da comunidade quilombola. Assim, analisamos o papel da educação nas transmissões de conhecimentos, experiências, trocas de vivências e autobiografias dos próprios moradores, valorizando a territorialidade como espaço educativo, identificando conceitos sobre a ancestralidade e oralidade.

Desta forma, identificamos e demonstramos os elementos presentes da tradição oral em espaços sociais, culturais, religiosos e educativos no referido Quilombo através de uma análise educativa e pedagógica, com o intuito de demonstrar a importância da oralidade e da ancestralidade dentro do Quilombo Serra do Evaristo.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: O primeiro capítulo trata da introdução. Já no segundo capítulo, apresento a metodologia da pesquisa de forma a contextualizar quais abordagens de pesquisa foram utilizadas. Já o terceiro capítulo, intitulado “Breves apontamentos sobre a luta histórica pelo direito de aquilombar-se”, apresento questões importantes sobre a territorialidade do Quilombo da Serra do Evaristo como materialização do direito à Terra, bem como apresento a escola Quilombola Osório Julião como um importante espaço educativo de territorialidade quilombola.

O quarto capítulo intitulado “Guardiães da memória no processo educacional na escola, a lei 10.639: A relação desses conhecimentos dentro do currículo da escola” versa sobre a relação intrínseca entre a lei 10.639/2003 e os guardiões da memória. Apresentando assim, a importância da lei 10.639/2003 no processo de valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar brasileiro.

Neste capítulo, também apresento a importância da presença de “guardiães da memória” no processo de tornar o ensino mais autêntico e enraizado na experiência cultural. Além disso, apresento a trajetória das sujeitas da pesquisa, a saber: Maria Rainara Costa Soares Castro e Maria do Socorro Fernandes Castro.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo se ampara em uma abordagem de pesquisa qualitativa, mediante a qual se procederá à descrição detalhada de conceitos e definições pertinentes à temática em análise, com o intuito de aprofundar a compreensão dos fatores subjacentes à questão proposta. Concomitantemente, a pesquisa bibliográfica será mobilizada para edificar a fundamentação teórica do trabalho, permitindo uma contextualização mais substanciada do objeto de estudo.

Nisto, o estudo buscou seu alicerce na pesquisa bibliográfica para maior compreensão do que se trata a pesquisa. Segundo Boccato (2006, p. 266):

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (Boccato,2006, p. 266).

A pesquisa bibliográfica tem por finalidade abordar uma problemática (ou hipótese) através da análise de referenciais teóricos previamente publicados, com a finalidade de examinar e discutir as diversas contribuições científicas sobre o tema. Esse tipo de pesquisa tem como propósito fornecer fundamentos para o entendimento acerca do objeto de estudo, compreendendo sua abordagem, contexto e as perspectivas sob as quais foi tratado na literatura científica.

Consequentemente, é de considerável importância que o pesquisador adote uma abordagem sistemática ao conduzir o processo de pesquisa. Isso envolve desde a delimitação do tema, passando pela estruturação lógica do trabalho, até a determinação da maneira pela qual os resultados serão comunicados e disseminados, em nosso trabalho iremos seguir essa metodologia na busca pela produção de um debate significativo sobre a nossa temática.

Neste intuito, fizemos um levantamento das experiências, trocas de vivências e autobiografias dos próprios moradores, valorizando a territorialidade como espaço educativo, e trabalhando a ancestralidade, oralidade e práticas desenvolvidas por eles.

Em seguida, com o intuito de dar conta dos objetivos propostos nesta pesquisa, utilizou-se também o trabalho de campo e observação participante como as principais estratégias metodológicas para o recolhimento de dados (Eckert e Rocha, 2013).

Isto posto, observamos atentamente os elementos da tradição oral presentes em espaços sociais, culturais, religiosos e educativos através de um olhar pedagógico, com o intuito de mostrar a importância da oralidade e da ancestralidade dentro do Quilombo Serra do Evaristo.

A base teórica possibilitou na nossa investigação o entendimento crítico das vivências e expressões orais por meio das entrevistas e da nossa vivência como morador da comunidade. Tais abordagens empiricamente ancoradas viabilizaram o contato direto com indivíduos da comunidade, proporcionando um entendimento mais abrangente e aprofundado dos elementos subjacentes à temática em análise.

Como técnica para a produção dos dados foi feito entrevistas estruturadas com as sujeitas da pesquisa. A saber, Maria Maria Rainara Costa Soares Castro, e Maria do Socorro Fernandes Castro, respectivamente. A escolha se deu com base no fato de Maria Raiana ser uma professora atuante na rede de ensino e por estar mais a frente da educação quilombola. Já a escolha por dialogar com Maria do Socorro se deu por ela ser uma das guardiãs da memória. Assim, o critério foi: uma professora e uma guardiã da memória, para que assim pudéssemos tentar entender como se dá o ensino/aprendizagem da educação escolar quilombola dentro da escola Osório Julião.

Para a primeira entrevistada, antes de iniciar as perguntas, solicitei que ela falasse um pouco de si e da escola. A fim de obter informações do tipo: nome, idade e quantos anos trabalha na escola Osório Julião.

Na sequência, fiz as seguintes perguntas: Como foi para se adaptar a nova modalidade de ensino da escola, por ser uma educação quilombola? Quais são os desafios que a educação escolar quilombola sofre? Qual a importância dessa modalidade de ensino? Como se é trabalhado a educação quilombola na escola? Como foi/ é receber alunos de outras localidades na qual não estão inseridos no convívio do quilombo? Como se é trabalhar a oralidade e a ancestralidade na escola? Qual a importância dos guardiões da memória para o ensino/aprendizagem?

Para a segunda entrevistada, também solicitei que ela falasse um pouco de si e da escola, novamente com o intuito de obter informações do tipo: nome, idade e quantos anos trabalha na escola Osório Julião. Na sequência, fiz as seguintes perguntas: Como é viver em uma comunidade quilombola? Qual o papel dos guardiões da memória para a comunidade quilombola? Como você se sente tendo um papel tão importante dentro da escola Osório Julião?

As entrevistas conduzidas foram submetidas a um processo de transcrição minucioso, visando a preservar a integridade dos dados produzidos. A partir destas transcrições, foi possível gerar os dados para a nossa análise, os quais constituíram um corpo substancial para a abordagem qualitativa. Através deste método, buscou-se proporcionar um espaço para diálogo e discussão dos achados, corroborando a realização dos objetivos da pesquisa proposta.

3. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A LUTA HISTÓRICA PELO DIREITO DE AQUILOMBAR-SE

Munanga (2001) apresenta que os quilombos de ascendência africana se organizaram em nosso país com o objetivo de fazer uma oposição à então estrutura escravocrata existente, onde o Quilombo era utilizado pelos sujeitos escravizados como umas das formas de saírem da dominação dos senhores, sendo esses então espaços não somente de encontro de negros fugidos, mas também de morada após a fuga.

Os quilombos em sua maioria se construíam em lugares de difícil acesso, justamente para que os senhores de escravizados e capitães do mato não conseguissem ter acesso, dificultando a recuperação dos escravizados fugidos. Tanto que atualmente é possível perceber que as comunidades quilombolas habitam territórios acidentados, ou mesmo afastados dos grandes centros, mesmo ainda com a expansão habitacional das chamadas regiões metropolitanas.

O que precisamos evidenciar é a importância do ensino como uma ferramenta importante de resistência e de fortalecimento das políticas públicas que mantenham a historicidade, a memória e o conhecimento científico das comunidades quilombolas.

A luta histórica pelo direito de aquilombar-se tem raízes profundas na resistência dos povos afrodescendentes no Brasil. Munanga (2001) delinea como os quilombos de ascendência africana foram organizados como uma resposta à estrutura escravocrata vigente no país. Nesse contexto, os quilombos representaram não apenas locais de refúgio para os escravizados que fugiam da opressão dos senhores, mas também espaços de estabelecimento permanente após a fuga.

A maioria dos quilombos foi erguida em regiões de difícil acesso, buscando impedir que os senhores de escravos e os capatazes tivessem acesso fácil, o que dificultava a recaptura dos escravizados em fuga. Atualmente, observa-se que muitas comunidades quilombolas ocupam territórios acidentados ou distantes dos centros urbanos, apesar da expansão das áreas metropolitanas. É importante ressaltar o papel crucial do ensino como uma ferramenta de

resistência e fortalecimento das políticas públicas voltadas para a preservação da história, memória e conhecimento científico das comunidades quilombolas.

No contexto deste debate, o Quilombo Serra do Evaristo emerge como um exemplo significativo. Este quilombo, localizado em Baturité, Ceará, representa uma manifestação viva da luta pela preservação da cultura e da identidade quilombola. Sua história está intrinsecamente entrelaçada com a resistência à opressão que se insere no contexto mais amplo das políticas de reconhecimento dos quilombos no Brasil e no estado do Ceará.

As políticas de reconhecimento dos quilombos no Brasil foram um passo importante para a valorização dessas comunidades historicamente marginalizadas. No Ceará, especificamente, o reconhecimento e a titulação das terras quilombolas são avanços significativos que fortalecem os direitos e à autodeterminação dessas comunidades. Nesse sentido, a Confederação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ) desempenha um papel fundamental na promoção dos interesses e direitos das comunidades quilombolas no Brasil. Fundada com a missão de representar e defender essas comunidades, a CONAQ atua como uma voz unificada, lutando por políticas públicas inclusivas e pelo reconhecimento de seus direitos.

A luta histórica pelo direito de aquilombar-se representa um capítulo fundamental da história de resistência e emancipação dos povos afrodescendentes no contexto brasileiro. A formação de quilombos, enquanto unidades sociais que desafiaram a opressão escravista, ganha destaque como uma resposta ativa e corajosa à estrutura escravocrata que caracterizou grande parte da história colonial e imperial do Brasil.

No âmbito dessa discussão, Munanga (2001) oferece uma perspectiva relevante. Segundo o autor, os quilombos de ascendência africana não apenas se constituíram como redutos de fuga e refúgio para os escravizados, mas também como espaços de resistência ativa contra o sistema escravista dominante. A construção de quilombos não se restringiu a ser meramente uma resposta ao controle dos senhores de escravos, mas também representou a busca por uma existência autônoma e uma ruptura com o ciclo de exploração e opressão.

Nesse contexto, o Quilombo Serra do Evaristo ganha proeminência como um exemplo concreto dessa luta. Sua localização geográfica em áreas de difícil acesso, conforme discutido por diversos autores (Munanga, 2001; Souza, 2019), reforça a estratégia de resistência empregada pelos quilombolas, dificultando a recaptura por parte das autoridades escravistas.

A atuação do Movimento Negro e das organizações quilombolas também desempenhou um papel significativo na reivindicação dos direitos dos quilombolas. A Confederação Nacional

das Comunidades Quilombolas (CONAQ) surge como um organismo representativo e articulador dessas comunidades, lutando pela valorização de sua cultura, pelo reconhecimento de suas terras e pela promoção de políticas inclusivas (CONAQ, [acesso em 04 de outubro de 2023]).

A relevância acadêmica dessa luta histórica e de suas manifestações contemporâneas é inegável. Autores como Gomes (2015) e Araújo (2020) discutem como os quilombos não apenas resistiram ao sistema escravista, mas também contribuíram para a formação de identidades culturais únicas, influenciando a cultura afrodescendente e a construção da sociedade brasileira pós-abolição.

A luta histórica pelo direito de aquilombar-se transcende o passado e permanece como um legado inspirador na busca por justiça social, igualdade e respeito às diversidades culturais, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade contínua de se reconhecer e preservar os direitos e a cultura das comunidades quilombolas no Brasil.

Diante do exposto, fica evidente que a história e a luta dos quilombos, exemplificadas pelo Quilombo Serra do Evaristo, são fundamentais para a construção de uma narrativa inclusiva e representativa da sociedade brasileira. A preservação do patrimônio cultural, o fortalecimento da identidade e o acesso ao conhecimento científico reforçam o papel do ensino como uma ferramenta de empoderamento e resistência para as comunidades quilombolas

3.1 A Territorialidade como Materialização do Direito à Terra

A relação intrínseca entre a territorialidade e o direito à terra desempenha um papel preponderante na compreensão das interações sociais, políticas e econômicas que moldam a ocupação e a gestão dos espaços geográficos. A noção de territorialidade não se restringe apenas à demarcação física do território, mas envolve complexas relações de poder, identidade, cultura e pertencimento que emergem da relação entre indivíduos, comunidades e o ambiente que habitam. Nesse contexto, a territorialidade pode ser entendida como a forma pela qual grupos humanos atribuem significado, reivindicam e negociam o acesso e o controle sobre uma determinada área de terra.

Para Haesbaert (2007), a noção de território é construída dentro das relações sociais, incluindo-se, aqui, as relações de trabalho. E, inserindo-se no contexto do quilombo, as práticas cotidianas são sempre de subordinação, por serem” negros e descendentes de escravos.”

Ao passo de que a materialização do direito à terra através da territorialidade reflete a concretização de um conjunto de reivindicações, valores e relações sociais que se estabelecem

em torno do domínio e uso da terra. Esse processo vai além da mera propriedade legal, envolvendo aspectos simbólicos, culturais e históricos que fundamentam a relação das comunidades com seus territórios. Tais relações frequentemente refletem as lutas, as conquistas e as aspirações das comunidades em busca de autonomia, justiça e reconhecimento.

Pensar sobre essa relação complexa entre territorialidade e direito à terra requer uma abordagem interdisciplinar que envolva a geografia, sociologia, antropologia, direito e outras áreas afins, ou seja, para além da nossa área inicial que é a pedagogia. A perspectiva geográfica considera a territorialidade como uma expressão espacial das relações de poder, explorando como a delimitação, o uso e a ocupação dos territórios refletem estruturas de dominação, resistência e inclusão/exclusão. A sociologia e a antropologia contribuem para a compreensão das dinâmicas sociais, culturais e identitárias que informam a relação das comunidades com seus territórios.

A interconexão entre ancestralidade, território e territorialidade é uma temática complexa e rica que transcende dimensões históricas, culturais e geográficas. Aprofundar-se nessa relação implica uma análise interdisciplinar que envolve áreas como antropologia, geografia, história, sociologia e estudos culturais. Cada componente desse tríptico possui significados profundos que convergem para a compreensão das raízes identitárias e do vínculo humano com os espaços geográficos.

Nessa abordagem damos enfoque a um fundamento central, o conceito de territorialidade utilizado por Little: “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, resumindo assim em seu território” (Little, 2002, p. 3). Vale ressaltar, que os diferentes modelos de territorialização existem simultaneamente e se relacionam, de formas contrapostas e contraditórias, de acordo ao que vai ser aplicado, nesse caso, uma comunidade quilombola.

Contrapondo-se as fragmentações territoriais, características das sociedades contemporâneas, a territorialidade dos grupos étnicos, em sua minoria, resiste aos valores perpassados pela cultura nacional, mantendo, dessa forma, a identidade étnica como um ponto de referência central à dominação do espaço e à reprodução das suas características sociais.

A ancestralidade, por um lado, representa a herança cultural, histórica e genética que molda a identidade de um grupo humano ao longo das gerações. A transmissão de tradições, valores e memórias de ancestrais passados constitui a base sobre a qual se erguem as identidades culturais e a compreensão do mundo. Através da ancestralidade, as comunidades se conectam

com suas origens, reafirmam sua continuidade e nutrem um senso de pertencimento que permeia sua relação com o território.

O território, vai além da mera delimitação geográfica. Ele carrega consigo significados sociais, políticos e simbólicos que refletem as relações humanas com o espaço físico. Na esfera das comunidades tradicionais o território é frequentemente uma extensão da própria identidade. É onde a história de suas lutas, conquistas e culturas é materializada. O território atua como um repositório de memórias, sendo ao mesmo tempo um espaço de recursos naturais, um cenário de rituais e um núcleo de coesão social.

Haerbaert (2002), apresenta território como sendo:

Território deriva do vocábulo latino terra e, nessa língua, corresponde a territorium. Conforme Di Méo, o jus terrendi confundia-se com o direito de aterrorizar. Embora não ocorrendo consenso sobre essa origem etimológica, é importante ressaltar que, direta ou indiretamente, o que se propagou sobre território diz respeito a um duplo sentido: à terra, o território como materialidade, e aos sentimentos que o território inspira, por exemplo, medo para quem é dele excluído, e satisfação para quem dele usufrui ou com ele se identifica (Haesbaert, 2002, p. 38).

A territorialidade, por sua vez, é a expressão da interação entre a ancestralidade e o território. É um conceito que se refere à maneira como grupos humanos ocupam, usam e atribuem significados a um determinado espaço geográfico. Através da territorialidade, as comunidades transformam os espaços em lugares de significado, onde suas tradições são vivenciadas, suas práticas culturais são mantidas e sua conexão com os ancestrais é perpetuada. A territorialidade incorpora a relação dinâmica entre os elementos físicos do território e as práticas sociais que ocorrem nele.

O processo de territorialização pressupõe a tensão nas relações estabelecidas, pois se um grupo se organiza em prol de territorializar-se ele está negando o lugar que lhe havia sido destinado, numa dada circunstância espaço-temporal, por outros grupos sociais melhor situados no espaço social pelos capitais de que já dispõem. Ou seja, quando uma comunidade quilombola se organiza e reivindica seus direitos sobre um território ancestral, quando ela luta para se territorializar, ela está negando o lugar marginal que lhe havia sido designado pela sociedade abrangente, seja por grandes empresas privadas que plantam eucalipto ou cana em seus territórios, seja pelo próprio poder público que lhes impõe unidades de conservação ambientais estabelecendo uma nova territorialidade, está de cima para baixo (Rezende, 2012, p. 8).

O enfoque legal e político é de suma importância para entender como o direito à terra é reconhecido, protegido e disputado em diferentes contextos. Os processos de titulação,

demarcação e políticas de reforma agrária têm um impacto direto na materialização desse direito. Além disso, a territorialidade também pode ser influenciada por políticas governamentais, legislações e instrumentos internacionais que buscam garantir a proteção dos direitos territoriais das populações tradicionais e indígenas.

Pensar sobre a materialização do direito à terra através da territorialidade é uma manifestação da resistência de comunidades marginalizadas, que buscam reafirmar suas histórias, modos de vida e identidades em face de pressões econômicas, interesses comerciais e ameaças à sustentabilidade ambiental. Portanto, a análise da territorialidade como materialização do direito à terra é um convite à compreensão das complexas narrativas que conectam a história, o poder e a identidade às geografias específicas, contribuindo assim para um diálogo enriquecedor e informado sobre questões sociais e ambientais cruciais.

Nos últimos anos, as comunidades quilombolas no Brasil têm conquistado avanços significativos na luta pelo direito à terra, um elemento fundamental para a preservação de suas tradições e cultura. O reconhecimento legal e a demarcação de terras ancestrais representam conquistas notáveis. A Constituição de 1988 garantiu o reconhecimento dessas comunidades, estabelecendo que suas terras deveriam ser demarcadas e tituladas, garantindo-lhes a posse e uso exclusivo dessas terras. Esse marco legal proporcionou um caminho importante para a garantia dos direitos territoriais das comunidades quilombolas.

No entanto, diversos desafios persistem. O processo de demarcação e titulação muitas vezes é moroso e burocrático, enfrentando atrasos significativos. Além disso, as comunidades quilombolas continuam a enfrentar pressões crescentes por suas terras, seja para atividades agropecuárias, mineração ou outros empreendimentos. Esses conflitos territoriais ameaçam a estabilidade das comunidades quilombolas e a garantia de seus direitos territoriais.

Além disso, as comunidades quilombolas frequentemente enfrentam desafios na obtenção de recursos financeiros e materiais para desenvolver suas terras e melhorar as infraestruturas locais. O reconhecimento da cultura e história quilombola nem sempre é suficientemente incorporado nas políticas públicas e na educação, perpetuando a desigualdade cultural.

Esses desafios territoriais impactam diretamente o direito à educação nas escolas quilombolas, uma vez que o acesso à educação de qualidade depende da segurança e estabilidade dessas comunidades em suas terras. Portanto, garantir o direito à terra para os quilombolas é crucial para assegurar também o direito à educação nas escolas quilombolas, preservando a cultura e a identidade dessas comunidades.

A luta pelo direito à terra está intrinsecamente ligada à garantia de oportunidades educacionais equitativas e à promoção da igualdade. Nisto, é essencial que o governo, as organizações e a sociedade continuem a apoiar e defender os direitos territoriais das comunidades quilombolas, reconhecendo que isso é fundamental para a preservação de sua cultura e identidade, bem como para o acesso à educação de qualidade.

3.2 Territorialidades Quilombolas como Espaço Educativo: A Escola Quilombola Osório Julião

Nesta secção, dialogamos sobre nossas experiências escolares no quilombo, como parte da nossa luta e conquistas pelo direito à educação escolar com um currículo que respeite e valorize os saberes que a comunidade construiu e constrói com os seus ancestrais, seus mais velhos com o intuito de manter a memória dos nossos antepassados viva, ao passo que vamos nos apropriando dos conhecimentos científicos.

A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião é situada na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, tendo como entidade Mantenedora a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Baturité. Atualmente a escola oferta da Educação Infantil até o Ensino Fundamental.

A unidade escolar está distante cerca de 9km do centro do município de Baturité, possuindo como referência a sua localização entre a igreja e o ponto de cultura do Evaristo, tendo proximidade com o campo de futebol da comunidade. Inicialmente a escola foi denominada como E.E.F. Mul 15 de novembro, que somente através do Lei 1.739 que foi aprovado pela Câmara Municipal e sancionada pelo executivo de Baturité no de 2017 que passou a ter a denominação de E. E. I. F. Osório Julião.

Essa modificação do nome da instituição ocorreu por meio do movimento local, que de forma organizada provocou o poder municipal que o antigo nome não fazia nenhuma referência a comunidade e muito menos a memória histórica da Serra do Evaristo, de tal maneira, o nome atual Osório Julião homenageia o morador que doou o terreno onde a escola foi construída, como também a igreja da comunidade.

De acordo com Projeto Político Pedagógica da escola a mesma tem como missão:

Desenvolver na escola uma educação que consiga fazer a articulação entre os conhecimentos científicos, os conhecimentos tradicionais e as práticas socioculturais próprias das comunidades quilombolas, visando a valorização da cultura, o fortalecimento dos laços de pertencimento dos discentes com sua comunidade, bem como promover o respeito à diversidade étnico-racial,

religiosa e sexual. Além de oferecer um ensino de qualidade, garantindo a participação ativa da comunidade escolar, contribuindo para a formação integral dos alunos, para que eles possam agir construtivamente para a transformação da sociedade (PPP Osório Julião, pág. 20, 2020).

A relação entre escola e comunidade é uma característica da instituição, onde percebemos que a cultura local adentra a escola e temos uma troca significativa. Está metodologia de tem proporcionado um impacto de caráter prático na vida escolar dos alunos, já que durante todo ano em todas as faixas etárias é trabalhado o resgate e a preservação da cultura local, a qual toda comunidade escolar participa efetivamente desse importante projeto. Alguns dos projetos que estão em vigor na escola e que apresentam bons índices de aceitação e rendimento escolar são: Projeto de Leitura; Projeto Agrinho; Projeto mais Alfabetização; Projeto Mais PAIC do 2º ao 5º ano e o Projeto Cultura na Escola que leva para dentro do espaço educacional as riquezas culturais existentes na comunidade.

A escola quilombola é o lar de laços estreitos com os descendentes e remanescentes dos quilombos brasileiros, portanto, é um espaço que desempenha um papel salutar na manutenção da cultura, no fortalecimento da identidade e na promoção da igualdade racial. Essas escolas, estão inseridas em áreas quilombolas, e se tornam basilares para a garantia do acesso à educação de qualidade que o estado deve ofertar para as comunidades quilombolas.

Para além disso entendemos que a escola quilombola também é uma ferramenta que consegue dentro da sua grade curricular auxiliar na manutenção e no avivamento da cultura afro-brasileira. Pois, através do formato escolar no quilombo é possível promover saberes e práticas tradicionais, como também a difusão de saberes ancestrais, a preservação das tradições quilombolas e a possibilidade ativa de manter viva a memória dessas comunidades, a qual, compreendemos que a presença das escolas quilombolas temos uma construção de uma sociedade inclusiva que trate a diversidade cultural como um patrimônio que deve ser celebrado e não esquecido ou negligenciado até mesmo nos espaços quilombolas.

A elaboração de uma proposta de educação escolar quilombola não significa romper com os conhecimentos escolares, mas sim, buscar incorporar a esses conhecimentos a dinâmica do cotidiano, o jogo simbólico da vida, o crescimento e aprimoramento que permeiam as comunidades quilombolas marcados na dimensão do desafio, da luta e do enfrentamento das dificuldades que se materializam em distintos graus nessas comunidades. Assim, o lugar deve ser considerado um componente indispensável para construção da educação escolar quilombola. Os conteúdos escolares ao sintonizarem a natureza histórica e cultural das comunidades quilombolas terão sentido e relevância para os alunos/as quilombolas. O vínculo da escola com a concretude vivenciada é talvez a mais importante estratégia

político/pedagógica para ajudar esses alunos/as a compreender e indagar sobre suas realidades para poder modificá-las (Paraná, 2010, p. 12).

Quando falamos do currículo da escola quilombola entendemos que a mesma possui em sua organização pedagógica a oferta de uma educação contextualizada, isto é, a escola tem dentro do seu projeto político pedagógico uma educação que difunda e considere a realidade local e as vivências das comunidades escolares, nisto ao desenvolver os currículos é preciso que o mesmo caminhe pelo conhecimento da história do quilombo onde a escola está fundada, apresentando ao educando as personalidades fundante de seu quilombo, o clima, abordando questões de Ancestralidade, território e a territorialidade.

Sendo a escola uma instituição historicamente determinada, como uma construção humana que se articula ao processo de produção das condições materiais de sua existência, como uma dimensão da realidade humana, para além da mera reprodução da sociedade burguesa, pode a educação articular-se plenamente na construção da sociedade sem classes. [...] Neste sentido, o educador precisa romper com as pedagogias escolares articuladoras dos interesses da burguesia e vincular sua concepção e sua prática a uma perspectiva revolucionária de homem e de mundo. Não se trata simplesmente de aderir a uma concepção científica de mundo e seu poder desvelador da realidade, mas de assumir, na teoria e na prática, isto é, na práxis, uma concepção transformadora da vida, do homem e do mundo (Lombardi, 2005, p. 33-34).

Para que o projeto se desenvolva de maneira viva o essencial é que os docentes da escola quilombolas sejam sujeitos quilombolas, ao passo de que eles são possuidores de conhecimento local e carregam consigo trações fortes com a terra e com a preservação de sua comunidade.

Importa salientar que até o ano em que esta pesquisa foi feita, apenas a diretora e dois professores não eram da comunidade. Os demais, eram professores quilombolas da comunidade em questão.

Lombardi (2005) traz em suas indagações que a escola em linhas gerais tende a servir os mais abastados, de tal forma, é preciso perceber que a escola quilombola e a educação quilombola ainda são vistas somente pelos pontos elencados no parágrafo anterior a citação do autor, afinal as escolas quilombolas não possuem as mesmas estruturas e muito menos todo o esplendor que muito é colocado quando se fala dessas escolas, como se as mesmas tivessem dentro de seus calendários letivos grandes festividades, reduzindo a educação quilombola como uma grande festa e servindo somente as cotas institucionalizadas pelo Ministério da Educação de cumprir números de escolas em território brasileiro.

Notamos que a Educação Escolar Quilombola que vem sendo divulgada por muitos governos é bem distante da realidade locais, onde é sobretudo mostrada como um sistema que

tem como foco seu discurso direcionado para alavancamento da cultura local, em suas festas e comemorações, ambicionando, de certa forma, somente a formatação de uma escola existe como veículo que conduz as crianças e os jovens a conservar na sua cotidianidade a estrutura de miserabilidade como se fosse algo natural, com a qual se deve habituar-se pacificamente.

Seguindo o Projeto Político Pedagógico (2020) da Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião, a mesma está localizada na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, território este dentro dos limites territoriais do Município de Baturité, de tal forma, a Entidade Mantenedora é a Secretaria de Educação/Prefeitura Municipal de Baturité e gerencia da Crede 08, a escola tem funcionamento Diurno de Segunda-feira a Sexta-feira, tendo como níveis de ensino ofertados a Educação Infantil e Ensino Fundamental.

De acordo com PPP da escola no ano de 2020 a mesma tinha cerca de 138 alunos, nisto em nossa pesquisa de campo é que conseguiremos ter os números exatos de educandos, professores e funcionários que fazem parte da instituição.

Tendo como base o Projeto Político Pedagógico (2020) sobre os seus professores é colocado que “A escola Osório Julião junto com seus professores toma para si a responsabilidade de trabalhar a educação patrimonial em suas salas de aula, de modo individual e coletivo. A mesma acontece não só nas datas referentes à história, mais durante todo ano” (Projeto Político Pedagógico, 2020).

A escola apresenta em seu projeto político pedagógico as ações que a mesma enquanto escola quilombola deve:

[...] desenvolver algumas ações para que a EDUCAÇÃO QUILOMBOLA possa dar certo:

- Aproximação do ensino com a realidade das crianças.
- Valorização dos saberes ancestrais.
- Abertura da escola para a participação ativa da comunidade.
- Contato com outras escolas quilombolas e rurais para a troca de experiências.
- Promover a valorização do negro ontem e hoje.

Acompanhamento técnico e pedagógico pelos órgãos municipais, SME, para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na Escola Osório Julião, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Relações Étnico raciais/2004 e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola/2012 (Projeto Político Pedagógico da Escola Osorio Julião, p. 10, 2020).

A escola estudada corroborando com o seu PPP que foi atualizado no ano de 2020, discorre que a mesma se:

[...] relaciona intrinsecamente com a comunidade Serra do Evaristo (Quilombola) demais localidades atendidas, compondo em muitos momentos

suas histórias e identidades. Salientamos que os estudantes são orientados para o compromisso com a aprendizagem e com as mudanças sociais em favor de maior equidade e justiça. Assim, a instituição forma egressos autônomos e capazes de seguir com confiança o novo caminho a ser trilhado. Diante desta realidade, o PPP deve ser visto tal qual um ecossistema, onde as ações são coordenadas e no qual todos os indivíduos da comunidade escolar estão interligados, atualizando diariamente todo o ciclo da vida escolar, com o objetivo de evitar a estagnação e de promover o desenvolvimento coletivo” (Projeto Político Pedagógico, 2020).

A importância do quilombamento transcende a simples ocupação territorial; ela se entrelaça com uma trajetória histórica de luta, resistência, pela identidade cultural e preservação de tradições. O Quilombo Serra do Evaristo, como um exemplo tangível, ilustra vividamente essa importância ao demonstrar como o reconhecimento e a valorização desse espaço têm um impacto substancial na vida das pessoas que nele habitam.

O conceito de quilombamento é um ato de reivindicação e reafirmação da história e dos direitos das comunidades afrodescendentes, que lutam por justiça social e igualdade. No caso do Quilombo Serra do Evaristo, essa prática está ligada à resistência histórica contra as adversidades e às tentativas de apagamento cultural impostas pela história colonial. Ao abraçar o quilombamento, essas comunidades afirmam sua identidade, memória e vínculo profundo com o território.

Para as pessoas que habitam o Quilombo Serra do Evaristo, a valorização desse espaço vai muito além da demarcação geográfica. Ela implica no reconhecimento das lutas de gerações passadas que enfrentaram a opressão e a marginalização, e na continuação dessas lutas para garantir a perpetuação das tradições e da cultura. A importância do quilombamento reflete-se na construção de uma narrativa própria, no fortalecimento da autoestima e no sentimento de pertencimento a um legado histórico e cultural.

A valorização do Quilombo Serra do Evaristo é uma fonte de empoderamento para suas comunidades. A preservação de práticas culturais, como a música, a culinária, a religiosidade e a linguagem é central para a manutenção da identidade. Além disso, a valorização do território está diretamente relacionada à subsistência das comunidades, à exploração sustentável dos recursos naturais e à promoção de modelos de desenvolvimento que respeitem as tradições e a harmonia com o ambiente.

Esse processo de valorização também contribui para o diálogo intercultural e para o reconhecimento da diversidade étnica e cultural do país. O Quilombo Serra do Evaristo se torna um espaço de troca de conhecimentos e experiências, enriquecendo a sociedade como um todo e desafiando estereótipos e preconceitos arraigados.

Em última análise, a importância do quilombamento, exemplificado pelo Quilombo Serra do Evaristo, reside em sua capacidade de reverter processos históricos de marginalização e apagamento. Ele é um testemunho vivo da resiliência humana, do desejo de dignidade e da busca por um futuro que celebra e preserva o passado. O valor do quilombamento transcende as fronteiras do território físico, alcançando a esfera da identidade, cultura e justiça, moldando e enriquecendo a vida das pessoas que lá habitam.

Este capítulo descreveu a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Osório Julião, localizada na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, destacando sua missão de promover uma educação que valorize a cultura local, saberes ancestrais e a participação da comunidade. A mudança de nome da escola para homenagear um morador que doou o terreno reflete a influência da comunidade na política educacional. A ênfase na educação quilombada, formação de professores quilombolas e valorização do quilombamento são elementos-chave. O quilombamento é destacado como um ato de reivindicação da história e direitos das comunidades afrodescendentes, contribuindo para a preservação da cultura e a busca por justiça e igualdade, transcendendo fronteiras territoriais.

Seguindo neste diálogo teremos a Lei 10.639 e a Lei 11.645 que são ferramentas essenciais para a promoção da igualdade racial e cultural na educação brasileira, assim iremos discutir no próximo capítulo estas leis e a presença de "guardiões da memória" enriquece o processo educacional, garantindo que a história e a cultura afro-brasileira e indígena sejam transmitidas de forma autêntica e significativa.

4. GUARDIÃES DA MEMÓRIA NO PROCESSO EDUCACIONAL NA ESCOLA, A LEI 10.639: A RELAÇÃO DESSES CONHECIMENTOS DENTRO DO CURRÍCULO DA ESCOLA

A Lei 10.639/2003, juntamente com a Lei 11.645/2008, é fundamental para promover a valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar brasileiro. Essas leis buscam resgatar e reconhecer a contribuição desses grupos para a formação do país, além de combater o racismo e a discriminação. A presença de "guardiões da memória" no processo educacional, como anciãos, líderes comunitários e outros detentores de saberes tradicionais, desempenha um papel crucial na transmissão dessas histórias e culturas às novas gerações.

Incorporar o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar não apenas atende a uma obrigação legal, mas também enriquece a educação ao torná-la mais inclusiva e diversificada. Isso permite que os alunos compreendam a pluralidade da sociedade brasileira e desenvolvam uma consciência crítica sobre questões de identidade, preconceito e discriminação racial.

A presença de "guardiões da memória" ajuda a tornar esse ensino mais autêntico e enraizado na experiência cultural. Eles podem compartilhar histórias, tradições, rituais, práticas espirituais e outros aspectos da cultura afro-brasileira e indígena que não podem ser totalmente apreendidos por meio de livros didáticos. Além disso, a interação com esses "guardiões da memória" cria um ambiente de respeito e valorização dessas culturas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A preservação e valorização da memória cultural e histórica das comunidades têm uma relevância significativa no contexto educacional, e a figura dos "guardiões da memória" desempenha um papel crucial nesse processo. Especialmente em relação à história e cultura afro-brasileira, a Lei 10.639/2003 se torna uma ferramenta fundamental para a inclusão desses conhecimentos no currículo escolar, promovendo uma educação mais inclusiva, diversa e representativa.

Os "guardiões da memória" são indivíduos, frequentemente membros mais idosos das comunidades, que detêm conhecimentos tradicionais, histórias orais e práticas culturais transmitidas ao longo das gerações. Esses guardiões desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural, na perpetuação da herança histórica e na transmissão de valores e tradições. No contexto educacional, sua contribuição é inestimável, pois enriquece o processo de aprendizado ao trazer perspectivas autênticas e contextualizadas.

A Lei 10.639/2003, por sua vez, estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Ela visa combater o racismo, promover a valorização da diversidade étnico-racial e desconstruir estereótipos e preconceitos arraigados na sociedade. A inclusão desses conteúdos no currículo escolar não apenas traz representatividade para os estudantes afrodescendentes, mas também contribui para a construção de uma consciência crítica e cidadã.

A relação entre os "guardiões da memória" e a Lei 10.639/2003 é intrínseca. Os conhecimentos e vivências compartilhados pelos guardiões representam uma fonte autêntica para o ensino da história e cultura afro-brasileira. Suas narrativas pessoais e testemunhos diretos enriquecem as discussões em sala de aula, conectando os estudantes com a realidade histórica e as vivências cotidianas da população negra no Brasil.

Dentro do currículo da escola, a inclusão desses conhecimentos proporciona uma perspectiva mais abrangente e precisa sobre a formação do país, ao considerar a contribuição das culturas africanas e afro-brasileiras para a construção da identidade nacional. Além disso, a relação entre os guardiões da memória e os conteúdos da Lei 10.639/2003 contribui para a humanização do ensino, aproximando os estudantes das histórias reais de indivíduos que resistiram, se adaptaram e contribuíram para a sociedade brasileira.

Os "guardiões da memória" dentro da Comunidade quilombola da Serra do Evaristo desempenham um papel vital na preservação, transmissão e valorização dos conhecimentos ancestrais e culturais de uma comunidade. Eles são indivíduos que detêm saberes tradicionais, histórias, práticas culturais e vivências que são transmitidos de geração em geração.

A qual, sua função vai além de serem meros detentores de informações, digamos que eles personificam a conexão viva entre o passado e o presente, atuando como elo entre as tradições ancestrais e as realidades contemporâneas. Assim, eles possuem um conhecimento íntimo das histórias, rituais, músicas, línguas e práticas que formam a identidade de uma comunidade. Suas memórias são frequentemente transmitidas oralmente, transmitindo detalhes e nuances que não são facilmente encontrados em fontes escritas. Sua autoridade e respeito dentro da comunidade conferem legitimidade a esses conhecimentos, tornando-os fontes confiáveis e ricas para o processo educacional.

Dentro do contexto educacional, os guardiões da memória desempenham diversos papéis significativo desde a Preservação Cultural, passando pela inspiração e Conexão, que especificamente as histórias dos guardiões da memória podem inspirar os estudantes, mostrando exemplos reais de resiliência, superação e luta por direitos. Essas narrativas

humanizam a história, conectando os alunos com pessoas reais que enfrentaram desafios semelhantes.

Um papel significativo que também consideramos é voltado para a Educação Intergeracional, onde nesse eixo acontece a transmissão de conhecimentos dos guardiões da memória estabelece um diálogo intergeracional valioso. Isso cria um ambiente em que as gerações mais jovens podem aprender diretamente com os mais velhos, promovendo a compreensão mútua e o respeito pelas diferentes experiências de vida.

A inclusão dos saberes dos guardiões da memória no currículo escolar, especialmente no contexto da Lei 10.639/2003, enriquece a educação ao trazer perspectivas plurais e profundas. Esses guardiões desafiam narrativas hegemônicas e preenchem lacunas históricas, promovendo uma visão mais completa e inclusiva da formação sociocultural do Brasil. Ao integrar suas histórias e conhecimentos, as escolas não apenas enriquecem o processo educacional, mas também fortalecem o vínculo entre os estudantes e suas heranças culturais.

Em suma, a importância dos guardiões da memória no processo educacional na escola é evidente tanto na preservação da história e cultura quanto na promoção da justiça social e da valorização da diversidade. A interseção entre esses conhecimentos e a Lei 10.639/2003 resulta em um currículo mais inclusivo, crítico e contextualizado, preparando os estudantes para compreender e enfrentar os desafios sociais e culturais presentes na sociedade contemporânea.

A questão de gênero desempenha um papel fundamental nas discussões sobre a preservação da cultura, história e identidade de uma comunidade. Quando destacamos que as "guardiãs da memória" entrevistadas são mulheres, isso ressalta a importância da perspectiva de gênero nesse contexto.

Mulheres muitas vezes desempenham um papel crucial na transmissão de tradições culturais, históricas e conhecimentos, especialmente em muitas culturas e comunidades. Suas histórias, experiências e sabedoria desempenham um papel significativo na preservação da herança cultural e na educação das gerações mais jovens. Isso pode incluir a transmissão de músicas, danças, práticas culinárias, histórias orais e rituais culturais.

Ao destacar a presença das "guardiãs da memória" como mulheres, também é importante reconhecer o empoderamento feminino e a valorização de suas contribuições. Isso é particularmente relevante no contexto da Lei 10.639/2003, que promove a igualdade racial e a valorização da diversidade. As "guardiãs da memória" não apenas preservam a cultura, mas também desempenham um papel crucial na promoção da igualdade de gênero.

Além disso, ao envolver as "guardiãs da memória" no processo educacional, as escolas podem criar modelos positivos para os alunos, mostrando que as mulheres desempenham papéis de liderança e são detentoras de conhecimento valioso. Isso pode inspirar as futuras gerações a valorizar e respeitar as contribuições das mulheres em suas comunidades e sociedade em geral.

4.1 As mulheres Quilombolas e a Educação Escolar

Nossa primeira entrevistada, que atua na Escola Osório Julião desde 2018, traz consigo uma trajetória acadêmica e profissional marcada pelo comprometimento com a educação quilombola. Inicialmente, ela ingressou na instituição por meio dos programas "Mais Educação" e "Mais Alfabetização".

Após essa primeira experiência enriquecedora, embarcou em uma jornada acadêmica, obtendo seu diploma em Pedagogia. Com uma base sólida em educação, nossa entrevistada assumiu um papel de destaque na escola. Para além de sua graduação em Pedagogia, ela se destacou ainda mais em sua busca pela excelência educacional ao conquistar uma pós-graduação em Gestão Escolar e Alfabetização em Letramento. Seu compromisso com o aprimoramento constante e a busca pela qualidade no ensino demonstram a quão dedicada ela é à sua profissão.

Recentemente, nossa entrevistada recebeu um convite que marca um novo capítulo em sua carreira: assumir a posição de Coordenadora Pedagógica na Escola Osório Julião. Após anos de experiência como professora, ela agora está pronta para liderar e apoiar a equipe docente, promovendo uma educação de alta qualidade na escola. Nesta entrevista, exploraremos a jornada educacional e profissional de nossa entrevistada, suas perspectivas sobre a educação atual e os desafios que ela enxerga dentro da escola.

Eu trabalho aqui na escola Osório Julião desde dois mil e dezoito. Eu comecei aqui desde os projetos mais educação, mais alfabetização e depois concluí minha faculdade em pedagogia e comecei a trabalhar aqui na escola Osório Julião. Para além da graduação em pedagogia, eu tenho uma pós-graduação em gestão escolar e alfabetização em letramento. E no ano passado eu estava como professora, na verdade sou professora, mas estava somente na sala de aula e esse ano eu recebi o convite para assumir a coordenação pedagógica da nossa escola (Maria Maria Rainara Costa Soares Castro, 2023).¹

Como percebemos na fala de Maria Rainara é que ela teve um crescimento profissional dentro de sua própria comunidade, algo bastante significativo. Ao passo de que entendemos

¹ Castro, Maria Rainara Costa Soares. Entrevista concedida a Antonio Gustavo de Araújo Souza em 22 de maio de 2023.

que a ela optou por se formar e ser professora dentro do seu território. Nesta entrevista ainda conseguimos ter um importante relato sobre a fundação da escola:

E a escola Osório Julião é uma escola que fica situada dentro do território quilombola e até um tempo a escola ela se chamava quinze de novembro e depois através duma reivindicação da comunidade. Porque esse nome não tinha muito a ver com a história da comunidade, não era o perfil da comunidade, de tal forma foi solicitado e a escola passou a ter o nome do doador do terreno, onde fica a escola, a igreja e o posto de saúde (Maria Rainara Costa Soares Castro, 2023).

A integração desses saberes tradicionais na estrutura curricular padrão tem sido um desafio constante para a Escola Osório Julião. Enquanto a escola segue um currículo convencional, sem especificidades quilombolas, os professores estão empenhados em adaptar e enriquecer o ensino com os saberes da comunidade. Essa abordagem híbrida enfrenta desafios significativos.

Como harmonizar o currículo convencional com a riqueza dos saberes quilombolas? Como garantir que os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade que reconheça e valorize suas raízes culturais? Estas são algumas das questões que a equipe da Escola Osório Julião enfrenta diariamente.

E a nossa escola Osório Julião, ela tem essa especificidade. Porque ela a educação escolar quilombola, trabalha os saberes da comunidade que a gente traz pra dentro da escola. E na verdade esse é o nosso principal desafio porque ao mesmo tempo que a gente a gente tem um currículo, a o nosso currículo ele não é específico, ele não é um currículo quilombola ainda ele é um currículo como igual os de todas as escolas, mas é os professores que tentam implantar aí da educação escolar Quilombola, e isso é um desafio (Maria Rainara Costa Soares Castro, 2023).

Maria Rainara ainda relata de forma aprofundada como o currículo tradicional e quilombola são trabalhados dentro da escola e esses desafios vivenciados tanto pelos professores que são da própria comunidade como por aqueles que não pertencem.

É assim, claro que é um é um desafio, para gente, como eu falei a gente não tem um currículo ainda próprio, e aí a gente acaba tentando inserir na medida que a gente consegue inserir a educação escolar quilombola, mas a gente que é da comunidade acaba sendo um pouco mais fácil, porque a gente já é envolvido nos movimentos da comunidade, já conhece muito bem a história. Por exemplo, a gente acompanhou tanto o período das escavações arqueológicas, como todo esse processo de reconhecimento, enquanto comunidade a gente acompanhou, aí acaba sendo mais fácil pra gente. Mas é um desafio ainda, a gente sente. Por exemplo, os professores que vem de fora, a gente sente que ainda a gente precisa tá acompanhando, que não é fácil as vezes (Maria Rainara Costa Soares Castro, 2023).

A entrevistada destaca que, embora a gestão atual demonstre uma maior sensibilidade para a questão da educação escolar quilombola, ainda existem obstáculos a serem superados. Uma das áreas mais desafiadoras é a questão dos materiais didáticos. Os livros utilizados não são específicos para a Educação Quilombola, o que requer esforços adicionais por parte dos professores e da equipe escolar.

A necessidade de pesquisar e trazer autores e personagens negros para a sala de aula, especialmente na educação infantil, é um dos principais desafios. A escola está comprometida em proporcionar uma educação inclusiva e que reflita a diversidade cultural da comunidade quilombola, mas a falta de materiais adequados torna essa tarefa complexa.

A entrevistada enfatiza que a inclusão de elementos culturais quilombolas nas aulas é essencial para o reconhecimento e a valorização da identidade da comunidade. No entanto, isso demanda um esforço adicional dos educadores, que precisam adaptar e enriquecer o currículo com materiais e histórias relevantes.

As vezes parece que ainda não conhecem a comunidade e a gente precisa ficar lembrando que precisa trazer essa questão do que vem da Secretaria de Educação a gente agora que vem mudando. A gente tá sentindo agora nessa gestão que a gente tá vendo que tem uma secretária de educação que é muito sensibilizada com a questão do ensino da educação escolar quilombola e tá começando a facilitar pra gente. Mas ainda é um desafio muito grande porque com relação aos livros os nossos livros não são livros específicos então a gente precisa estar trazendo outros autores a gente precisa as histórias né da educação infantil o professor precisa pesquisar pra trazer personagens negros pra dentro da escola, pra dentro das aulas. Então esse é o nosso maior desafio, principalmente com relação ao material didático (Maria Rainara Costa Soares Castro, 2023).

No entanto, há esperança no horizonte, à medida que a Secretaria de Educação começa a demonstrar maior sensibilidade em relação à Educação Quilombola. A gestão atual está trabalhando para facilitar a integração desses saberes na educação escolar. Isso representa um passo positivo em direção a uma educação mais inclusiva e respeitosa com a cultura quilombola.

A territorialidade na comunidade quilombola não apenas preserva a identidade, mas também empodera os membros. Os resultados indicam que a valorização do território e das práticas culturais contribui para o desenvolvimento de uma autoestima positiva e para a promoção do orgulho quilombola. Essa valorização é um fator motivador para os estudantes se envolverem no processo educacional.

Notamos na entrevista de Maria Rainara a necessidade de integrar os conhecimentos tradicionais com o currículo formal, garantir recursos para a transmissão de práticas e enfrentar pressões externas que podem ameaçar a continuidade da territorialidade. No entanto, conseguimos observar ações que indicam oportunidades de fortalecimento da educação quilombola ao alinhar a territorialidade com ações de conscientização, inclusão e mobilização.

Nossa próxima entrevistada é a senhora Maria do Socorro Fernandes Castro é uma figura notável na comunidade quilombola onde nasceu e cresceu. Aos cinquenta e sete anos de idade, ela é uma verdadeira guardiã dos saberes e tradições culturais que moldaram a vida da comunidade ao longo de gerações. Além de sua rica história pessoal, Maria do Socorro desempenha papéis cruciais em sua comunidade. Ela é uma das lideranças locais, uma figura respeitada que trabalha incansavelmente para defender os interesses e os direitos da comunidade quilombola.

Além disso, seu reconhecimento como "Mestra da Cultura dos Saberes e Afazeres" demonstra a profundidade de seu conhecimento e sua contribuição inestimável para a preservação da cultura popular quilombola. Esse título, conferido pela Câmara Municipal em 2018, é um testemunho de seu comprometimento em manter vivas as tradições que caracterizam sua comunidade. Maria do Socorro também desempenha um papel fundamental como vice-presidente da associação local, onde trabalha para promover o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade quilombola. Sua participação em várias pastorais demonstra seu envolvimento multifacetado nas atividades da comunidade.

Nesta entrevista, Maria do Socorro compartilha sua história pessoal, seu papel como líder da comunidade e sua missão de preservar e transmitir os saberes e tradições da cultura quilombola para as futuras gerações. Ela é uma verdadeira inspiração e exemplo de dedicação à preservação da identidade cultural de sua comunidade, sobretudo dentro do contexto da oralidade.

Eu me chamo Maria do Socorro Fernandes Castro. Tenho cinquenta e sete anos e sou nascida e criada aqui nesse quilombo, Graças a Deus. E aqui eu estou como liderança, sou uma das lideranças da comunidade e também fui reconhecida como mestre da cultura dos saberes, dos afazeres da cultura popular daqui da comunidade, mas também não falei. E no município de Baturité. E isso se deu, né? No ano de dois mil e dezoito, né? Quando eu tive esse reconhecimento pela Câmara Municipal, né. E hoje eu estou também como vice-presidente da associação. E participo de várias pastorais existentes na comunidade. Pronto e também na coordenação da medicina popular, né? Eu sou do grupo e também né? E tenho a como minha missão e guia da dança de São Gonçalo uma dança tradicional daqui da comunidade que é existente

aqui há mais de cem anos, né? Porque eu já estou com mais de trinta anos que eu participo da dança de São Gonçalo (Maria Do Socorro, 2023).²

Um aspecto particularmente notável de sua contribuição é sua atuação na medicina popular, onde compartilha seu conhecimento sobre práticas tradicionais de cura e cuidados de saúde com os membros da comunidade. Maria do Socorro é uma guardiã das tradições culturais, desempenhando o papel de guia da dança de São Gonçalo, uma dança tradicional com mais de cem anos de história em sua comunidade. Seu envolvimento na dança há mais de trinta anos demonstra seu compromisso com a preservação das raízes culturais da comunidade quilombola.

Em nossa entrevista perguntamos sobre a questão da oralidade como forma de preservar o quilombo, ela discorre que:

Bom, é sobre a oralidade eu tenho né? Recebido já do nossos ancestrais, né? É os nossos ancestrais falando um pouco deles. Eles foram pessoas bem atuante, né? Foram pessoas que construíram a nossa história aqui. Começou com os nossos ancestrais aquelas pessoas, muitas que já não estão aqui, eram pessoas muito guerreira, muito, muito trabalhadeiras, pessoas que sempre viviam nessa comunidade construindo, construindo é alguma coisa pra deixar pra nova geração. E essa nova geração, né? E já veio eu, outras mais que são da minha idade, E agora é que eu estou repassando todo saberes, os conhecimentos que eles passaram pra mim estou repassando através de palestras na escola, na própria comunidade, nas rodas de conversas, e quando alguém ou quando os alunos da escola eles vem até aqui né? Me procurar e eu estou passando através mesmo da conversa do diálogo. Sim. E tendo muita atenção pra que isso que eu recebi experiência de vida eu possa também deixar pra essa nova geração (Maria do Socorro, 2023).

Essa prática de compartilhar conhecimento oralmente é uma parte essencial da cultura quilombola e desempenha um papel fundamental na preservação da história e dos valores da comunidade. Ela enfatiza que esses saberes foram herdados dos ancestrais, pessoas notáveis que desempenharam papéis ativos na construção da história da comunidade. Esses antigos membros da comunidade eram conhecidos por sua dedicação, determinação e trabalho árduo. Eles construíram o alicerce sobre o qual a comunidade quilombola se desenvolveu.

Hoje, Maria do Socorro se vê como uma ponte entre as gerações passadas e as futuras. Ela está empenhada em repassar todo o conhecimento, as histórias e os valores que recebeu de seus ancestrais. Como pudemos observar através de seu relato, essa transmissão ocorre de várias maneiras, incluindo palestras na escola, reuniões com a comunidade e conversas informais com os alunos que buscam aprender mais sobre suas raízes culturais.

² Castro, Maria do Socorro Fernandes. Entrevista concedida a Antonio Gustavo de Araújo Souza em 22 de maio de 2023.

O diálogo e a atenção são elementos-chave nesse processo de transmissão de saberes. Maria do Socorro se esforça para garantir que sua experiência de vida e os conhecimentos que recebeu sejam compartilhados com cuidado e autenticidade. Ela reconhece a importância de preservar a rica herança cultural quilombola e de garantir que as gerações futuras também tenham acesso a esse legado.

Nisto, a oralidade desempenha um papel vital na preservação da cultura quilombola, pois permite que as histórias, os valores e os conhecimentos sejam transmitidos de forma viva e dinâmica. Maria do Socorro, como guardiã desse patrimônio cultural, continua a desempenhar um papel crucial ao garantir que a história e a cultura de sua comunidade continuem a prosperar e inspirar as futuras gerações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas com Maria Rainara e Maria do Socorro destacaram questões essenciais relacionadas à educação quilombola e à preservação da cultura quilombola. As considerações finais refletem sobre esses tópicos cruciais. Ambas as entrevistadas demonstraram um profundo compromisso com a educação quilombola. Maria Rainara, com sua formação em Pedagogia e pós-graduação em Gestão Escolar e Alfabetização em Letramento, representa um exemplo de dedicação à excelência educacional. Maria do Socorro, por sua vez, desempenha um papel fundamental na transmissão dos saberes tradicionais e culturais, investindo na educação da comunidade de maneira prática e significativa.

Observamos em nossa pesquisa aspectos cruciais que delineiam a riqueza e complexidade da realidade da Escola Osório Julião, inserida em um contexto quilombola. A trajetória de Maria Rainara transcende sua ascensão profissional, revelando um comprometimento profundo com a educação quilombola, evidenciado tanto por seu percurso acadêmico exemplar quanto por seu papel destacado na gestão escolar.

Percebemos que a instituição enfrenta desafios consideráveis ao tentar incorporar os saberes tradicionais quilombolas ao currículo convencional. A ausência de materiais didáticos específicos e a necessidade de adaptação por parte dos professores configuram obstáculos a serem superados. Embora a gestão atual demonstre sensibilidade, a implementação de uma educação que verdadeiramente reconheça e valorize as raízes culturais da comunidade quilombola ainda se depara com desafios significativos.

A mudança de nome da escola, de "quinze de novembro" para "Osório Julião", ressalta a busca por uma identidade mais alinhada com a história e o perfil da comunidade. Isso sublinha

a importância crucial da territorialidade na preservação da identidade quilombola, aspecto que também é enfatizado por Maria do Socorro.

A segunda entrevistada que foi com Dona Maria do Socorro revela não apenas a vitalidade, mas a essência da cultura quilombola, especialmente no contexto da oralidade. Sua posição como guardiã dos saberes e tradições, reconhecida pela comunidade e pela Câmara Municipal, destaca a magnitude da preservação da cultura popular quilombola. Sua participação ativa em diversas atividades comunitárias, que incluem a medicina popular e a dança tradicional de São Gonçalo, ilustra o papel multifacetado das lideranças quilombolas na promoção do desenvolvimento e bem-estar da comunidade.

A prática de transmitir conhecimento oralmente emerge como uma força poderosa na preservação da história e dos valores da comunidade. Maria do Socorro atua como uma ponte entre as gerações passadas e futuras, assegurando que a rica herança cultural quilombola seja transmitida com autenticidade e cuidado. O diálogo e a atenção tornam-se elementos essenciais nesse processo, garantindo que as gerações futuras tenham acesso a esse legado com a devida profundidade.

Diante dessas reflexões, torna-se evidente que a Escola Osório Julião e a comunidade quilombola enfrentam desafios, mas também revelam iniciativas significativas para preservar e fortalecer sua identidade cultural. O reconhecimento da importância da territorialidade, aliado ao esforço para integrar os saberes tradicionais na educação formal, aponta para um caminho promissor de enriquecimento e valorização da cultura quilombola.

A integração dos saberes quilombolas no currículo convencional da Escola Osório Julião é um desafio evidente. A falta de materiais didáticos específicos e a necessidade de os professores adaptarem o currículo para incluir os saberes da comunidade são desafios persistentes. Essa integração é crucial para a preservação da identidade cultural e para garantir que os alunos tenham acesso a uma educação que valorize suas raízes.

A sensibilização da Secretaria de Educação para a importância da educação escolar quilombola é um passo positivo em direção a uma educação mais inclusiva e respeitosa com a cultura quilombola. No entanto, ainda há obstáculos a serem superados, especialmente relacionados à disponibilidade de materiais didáticos específicos e à capacitação dos professores para trabalhar com essa abordagem educacional única.

A transmissão dos saberes quilombolas por meio da oralidade é uma prática essencial na preservação da cultura quilombola. Maria do Socorro destaca a importância de compartilhar

experiências de vida, histórias e valores com as gerações mais jovens. Esse processo contribui para manter viva a identidade cultural da comunidade.

A ligação com o território quilombola desempenha um papel fundamental na preservação da cultura e na promoção da autoestima dos membros da comunidade. O reconhecimento da importância do território e das práticas culturais, por sua vez fortalece a identidade quilombola, contribuindo para uma compreensão mais profunda da história e dos valores da comunidade.

As entrevistas com Maria Rainara e Maria do Socorro ressaltam ainda a complexidade dos desafios enfrentados pela comunidade quilombola, mas também revelam oportunidades significativas para o fortalecimento da identidade cultural quilombola por meio da educação e da transmissão de saberes tradicionais. Essas práticas representam a resiliência e a riqueza das comunidades quilombolas, que continuam a lutar pela preservação de suas raízes culturais em um mundo em constante mudança.

Observando essas entrevistas, vejo um reflexo da minha própria experiência como homem quilombola. As histórias de Maria Rainara e Maria do Socorro ressoam profundamente com o que vivemos em nossas comunidades. A luta pela preservação da nossa identidade cultural, os desafios na educação e o papel ativo na comunidade são partes integrantes da nossa jornada. A mudança de nome da escola, para algo mais alinhado com nossa história, mostra a importância da territorialidade. É sobre preservar nossa identidade, nossas raízes. A oralidade, destacada por Maria do Socorro, é algo que vivemos diariamente. É a transmissão de conhecimento de geração em geração, uma prática vital na preservação da nossa cultura.

A figura de Maria do Socorro como guardiã da cultura quilombola é inspiradora. Ela representa a força da liderança comunitária, a preservação de práticas culturais e a transmissão oral de conhecimento. Essa é a essência da nossa comunidade, e ver isso sendo reconhecido é motivo de orgulho, e sobretudo de perceber que enquanto homem quilombola preciso refletir sobre os papéis de gênero em nossa comunidade. Ao observar essas entrevistas, vejo uma mistura de desafios compartilhados, identificação profunda e a esperança por um futuro onde nossa cultura seja valorizada e preservada. É uma jornada que continuaremos a trilhar, inspirados por figuras como Maria do Socorro e comprometidos com a preservação da nossa rica herança cultural quilombola.

REFERENCIAS

ARAÚJO, E. A. (2020). A construção do conceito de quilombo: Identidade e cultura negra no Brasil. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(3), 62-76.

BATURITÉ, Secretária de Educação. Projeto Político Pedagógico da Escola de Ensino Infantil Fundamental Osório Julião. Baturité, 2020.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo*, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS (CONAQ). Quem somos. Recuperado de <http://conaq.org.br/quem-somos/>. Acesso em 10 de julho de 2023.

GOMES, F. V. (2015). A história dos quilombos e a construção da identidade negra no Brasil. In *História e Cultura Afro-brasileira e Indígena* (pp. 197-220). Editora Unicamp.

HAESBAERT, Rogério. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT. Território, cultura e desterritorialização. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R L. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil. Por uma antropologia da territorialidade. 2002.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação, ensino e formação profissional em Marx e Engels. In: _____; SAVIANI, Dermeval (Org.). *Marxismo e educação: debates contemporâneos*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 01-38.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução De pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de Dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MUNANGA, K. (2001). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Editora Vozes.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Educação escolar quilombola: pilões, peneiras e conhecimento escolar. Curitiba, Paraná: Secretaria de Educação e Desporto, 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade:** interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SALVADOR, Â D. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre, RS: Sulina, 1982.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento negro. In: BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 21-37.

SOUZA, E. S. de. (2019). Quilombos e suas narrativas: Memória e resistência negra no Ceará. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará.